

# A VOZ de MELGAÇO

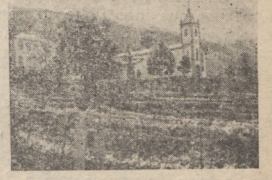
QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ | Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO | Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ  
AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 \* ANO XXIV - N.º 456 - Melgaço, 1 de Setembro de 1970 \* Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Tel. 22455 - Braga



O Sr. Padre Carlos concelebrando na Peneda com os sacerdotes da Rouças

## Por Santa Rita



Com a vinda de muitos rapazes de França, naturais deste concelho, tem-se registado nesta igreja um movimento maior deromeiros e de ofertas. Aqui vimos membros de boas famílias, que sempre nos acompanharam, desde o principio destas obras, com uma fé inquebrantável, sem desânimos e prontos a acompanhar Santa Rita. Com eles se fez tudo isto. Com todos eles iremos até ao fim.

lhos, tanto e tanto bem ali se nos tem feito. Já por duas vezes tentámos convencê-la de que iam ali em visita de agradecimento e mais nada, pois já me deram muito. E mesmo assim, tive de aceitar as suas generosas ofertas e de seus vizinhos que ali sempre acorrem. A Família Domingues, de Acheres, melhor, de Prado, a quem tanto deve Santa Rita.

Não posso ir este ano a França e tanta falta me fazia, para se apurar o que agora vai fazer muita falta, a verba para se pôr a funcionar em breve espaço de tempo, esta obra. E comprar camas, roupas, cozinhas, etc., etc. Mas esta obra, o que aqui já se fez, é produto da boa vontade de todos, mas, sobretudo, duma grande protecção da nossa querida Santa Rita.

Também já aqui vimos o António Domingues e certamente não vai retirar-se sem (Continua na 4.ª página)

## Dois meses depois...

### Carta aberta

Completa no dia 5 os seus 61 anos e quis o Senhor que pudesse passar esse dia na intimidade da família e junto da Senhora da Peneda, como sempre.

Este ano, por motivos especiais, agradeceremos a dádiva que o Senhor nos deu em si e agradeceremos também aquilo que O Senhor lhe permitiu realizar pelos outros.

Sabemos que um dos motivos de maior satisfação para si são os 9 padres que por sua mão subiram os degraus do altar. Só esse facto deve-o recompensar de tantas outras coisas. Não esquecemos as duas amnistias conseguidas em favor dos nossos emigrantes; as inúmeras visitas a cadeias de Espanha para libertar gente da nossa terra, que lá penava pelo crime de procurar pão; não esquecemos as obras de Santa Rita com o destino que lhes pensa dar, de beneficência para os pobres e as crianças — isto muito na linha de hoje e da Igreja dos pobres —, e não esquecemos, sobretudo, os 10 anos em que,

sacrificando a saúde e o tempo, baixou até ao Lar de S. José para assistir aos velhinhos que lá se preparavam o melhor possível para o encontro com Deus. Vimos tudo quanto realizou no Hospital e o Saldo é mais que positivo!

Felizmente que conhece os homens e, embora muitos — foram tantos os que colocou nos mais diversos ramos! — se tenham portado totalmente ao contrário dos verdadeiros homens, também os há que procuram ser agradecidos.

Junto do altar da Senhora da Peneda e por sua intercessão pediremos ao Senhor que as incompreensões e injustiças deste ano redundem para bem do que desejamos ver realizado quanto antes: a Obra de Santa Rita.

Para nós que acreditamos, tudo está nas mãos de Deus e sob a sua sábia Providência.

Que o nosso testemunho de fé na Providência de Deus seja o melhor penhor de que Ele recompensará 100% a mais pequenina boa acção, sobretudo se fertilizada pela incompreensão dos homens.

Isto lhe queríamos dizer para o dia dos seus anos:

«A verdade vos libertará» diz o Senhor.

Saibamos dar tempo aos acontecimentos e aos homens que estão encarregados de os interpretar.

Carlos Nuno  
Maria do Rosário  
Júlio  
António  
Luís

## Em poucas linhas

«É preciso entender que se um só cidadão vive na indisciplina o próprio Estado participa dessa desordem»

Aristóteles em «Política» VIII-VI

O Presidente da Câmara, Sr. Dr. Sidónio S. S. S., ainda não legalizou a obra que está a levantar junto ao edificio do Externato Liceal de Melgaço.

Começou-a, como já informei, sem ter apresentado, para aprovação, a respectiva planta e, consequentemente, também não pagou a licença camarária.

Continuam fora da lei as escadas da sua casa de morada, em construção.

Estas obras foram suspensas já durante o mandato do ex-presidente Rodrigues. Na vigência deste mandato foi-lhe embargado, também um muro na mesma zona.

Mas assim vai mal, muito mal, Sr. Presidente!

Como pode fazer cumprir os regulamentos, o primeiro a transgredir-los?

Quem não cumpre não tem autoridade moral para reprimir procedimentos abusivos.

Exigimos, sr. Presidente, que cumpra os regulamentos, e pro-

(Continua na 6.ª pág.)

## Antigualhas Melgacenses

III

### O CASTELO

Fazer história não é tão fácil como parece a muitos.

Vem uma pessoa por esse Portugal acima, chega ao Minho onde a Pátria tem as raízes, vê seus panoramas, admira suas belezas, ouve duas coisas, toma nota desta ou daquela tradição vai por aí abaixo, lê uma linha da *Corografia Portuguesa* do P.º Carvalho da Costa ou algumas páginas do *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, e vá de traçar a história desta ou daquela terra.

Para fazer disto não precisamos que venha ninguém de fora. Também há em nossa terra e sobejam.

Escrever história é qualquer coisa de difícil quando se queira fazê-lo com o devido critério de responsabilidade.

Neste, como em outros ramos de sabor humano, podemos observar que quem sabe pouco julga que sabe muito, e quem sabe alguma coisa, por mais que aprender, pois julga sempre que pouco sabe.

Há mesmo quem se dê ao luxo de alardear conhecimentos que a crítica, mesmo superficial, faz decair.

Muito escrevi já da história da nossa terra. Foram díspares os juízos sobre o meu critério.

Eu tive sempre a mira de acertar no que escrevia. Coleccionei todos os meus artigos. Dão um livro. Sabia pouco quando escrevia. Não é muito o que tenho aprendido de novo. Instigam-me a que escreva. Eu tenho medo. Tenho medo de extraviar da verdade. Não será muito o que vou escrever, mas alguma coisa vai ser.

Desculpem os leitores estes considerandos. Sejam benévols na crítica.

De bom grado aceito esclarecimentos. Polémicas não, a menos que sejam construtivas.

Todos não somos demais. Leguemos aos vindouros alguma coisa do que sabemos do passado. Isto é fazer história.

(Continua na 4.ª página)

## Homenagem a um Melgacense

Do «Jornal de Notícias» de 17-8-70, transcrevemos o referente à homenagem que os correspondentes em Viana dos grandes jornais diários prestaram ao sr. Prof. Rodrigues. Felizmente que a gente qualificada e responsável sabe apreciar o que é justo. Nós folgamos porque, graças a Deus estamos bem acompanhados.

«Uma prestigiosa individualidade melgacense, o sr. prof. Manuel José Rodrigues, foi homenageado pelos representantes da imprensa diária durante um almoço que lhe foi oferecido em Afife. O sr. Manuel Rodrigues desempenhou até há pouco, as funções de Presidente da Câmara Municipal, lugar em que durante cerca de onze anos, pôde dispensar aos jornalistas vianenses a maior das atenções. No final foram-lhe oferecidas publicações de índole regional».

# Várias Notícias da Vila

**SARGENTO MATIAS DE ARAÚJO**—Foi colocado em Portela do Homem, Gerez o nosso amigo, Sr. Sargento Matias de Araújo, que até há pouco, estava em serviço no Algarve. Ao sargento Matias de Araújo, nosso querido conterrâneo, queremos saudá-lo pela aproximação que fez da nossa terra e fazemos votos por que logo volte ao nosso convívio, onde é muito estimado pelas suas belas qualidades profissionais e de trato.

**CASAMENTO** — No passado dia 19, realizou-se em Braga o casamento dos nossos estimados amigos. Srs. António Lourenço Guerreiro, de Rouças com a Sr.ª Professora Maria Alice de Lima, de Chaviães.

O casamento que se realizou no templo do Sameiro, levou ali muitas pessoas das famílias e amigos.

Aos noivos desejamos uma peregrina lua de mel.

**MANUEL AUGUSTO MELEIRO** — Foi colocado na Repartição de Finanças dos Arcos de Valdevez, o nosso estimado amigo, Sr. Manuel Augusto Meleiro, que até há poucos dias, esteve na Repartição de Melgaço, onde grangeou muitos amigos pelo seu fino trato. Fazemos votos para que logo volte para a nossa terra, onde muito apreciamos o seu irradiante convívio.

**ANTÓNIO DO PAÇO**—Após uma temporada nesta Vila, de visita à sua família, partiu para Montchanin — França, onde reside, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António do Paço, industrial, acompanhado de sua Esposa, Madame Wandá Rombel do Paço, filha menina Marie Claude Rombel do Paço e sua sobrinha Maria Helena Ferreira do Paço.

A todos desejamos que tivessem feito boa viagem, e muitas felicidades.

**DR. SILVIO DA BOA NOVA PIRES** — Acompanhado de sua Ex.ª Esposa Sr.ª D. Conceição Villarinho Pires, Dig.º 1.º oficial dos C.T.T., e filhos, tivemos o prazer de ver entre nós, de visita à sua família, o nosso estimado assinante e conterrâneo Sr. Dr. Silvío da Boa Nova Pires, Dig.º Chefe de Secção do Laboratório de Engenharia Civil em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**ANTÓNIO DE ARAÚJO** — Acompanhado de sua Esposa, Sr.ª D. Sofia de Araújo, esteve alguns dias, a passar férias no lugar da Granja, freguesia de Alvaredo, junto de sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António de Araújo, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**JOSÉ LUIS BALEIXO**—Após ter gozado uma temporada de férias junto de sua família, partiu há dias para França o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Luís Baleixo, acompanhado de sua esposa Sr.ª D. Maria Noémia do Paço Baleixo e menina Marie Louise, residentes em Montchanin.

Desejamos que tivessem feito boa viagem e muitas felicidades.

**MÁRIO AUGUSTO FELICIANO** — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Mário Augusto Feliciano, agente comercial, acompanhado de sua Esposa Sr.ª D. Maria do Carmo Feliciano e filha menina Maria Gabriela Feliciano, aluna do 6.º ano do Colégio de Nossa Senhora da Penha de França, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**MANUEL JÚLIO RODRIGUES** — Encontra-se nesta Vila, a passar férias o nosso conterrâneo e estimado comerciante e proprietário desta Vila, acompanhado de sua Esposa Sr.ª D. Maria Hermínia Pereira Rodrigues, e filhos, Francisco Pereira Rodrigues, finalista do curso geral do Comércio e Rosa Maria Pereira Rodrigues, aluna do 6.º ano do Liceu, residentes na cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

**PESCA NO RIO MINHO** — Durante alguns dias, estiveram entre nós vários pescadores desportivos da cidade do Porto e de Lisboa, entre eles esteve também o Sr. José António Pedrosa Morais, de Lisboa, que, apesar da muita insistência e com o seu carroto a gemer, conseguiu pescar um salmão com o peso de 10 quilos, aproximadamente, no local denominado, Cevide, próximo da barragem.

Parabéns ao Sr. Pedrosa Morais.

**ANIVERSÁRIO** — No passado dia 25, festejou o seu aniversário natalício o nosso amigo e conterrâneo Sr. António José Ferreira, Contabilista dos Transportes Aereos Portugueses, «T.A.P.», em Lisboa.

Ao aniversariante que teve a gentileza de oferecer um lauto jantar a seus familiares e amigos, desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

**D. MARIA DE LURDES DO PAÇO FERREIRA** — Acompanhada de seus filhos, esteve nesta Vila, de visita à sua família a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria de Lurdes do Paço Ferreira, esposa do nosso estimado assinante Sr. José Correia Ferreira, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

**EDUARDO GOMES DA SILVA** — Acompanhado de sua Ex.ª Esposa, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso amigo e estimado assinante, Sr. Eduardo Gomes da Silva, conceituado comerciante e industrial em Oliveira de Azemeis.

Os nossos cumprimentos.

**FALECIMENTO** — Na sua residência do lugar das Carvalhiças desta Vila, faleceu no passado dia 15, o nosso conterrâneo, Sr. José António Gonçalves, proprietário de 75 anos de idade, natural da freguesia de Castro Laboreiro e aqui residente há muitos anos.

O extinto, pessoa de respeitabilidade, e geralmente estimado, viúvo da Sr.ª D. Rosa Pereira Gonçalves, era pai do sr. Manuel Gonçalves, sogro da Sr.ª D. Olinída Domingues Gonçalves e avô dos Senhores Germano Gonçalves e Manuel do Nascimento Gonçalves, aluno do 5.º ano do Colégio D. Diogo de Sousa, da cidade de Braga.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi largamente concorrido, tendo-se incorporado muitas pessoas de todas as categorias sociais desta Vila e outras localidades.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências.

## Carlos Laginha

Em serviço de Inspeção à Agência de Tabacos, instalada no estabelecimento do Sr. Manuel Lourenço, nesta Vila, tivemos o prazer de ver o Sr. Carlos Laginha, Dig.º Inspeção da Empresa Industrial de Tabacos «INTAR» na cidade do Porto.

Ao amigo, Sr. Carlos Laginha, que teve a gentileza de oferecer ao nosso correspondente da Vila dois isqueiros e um porta-chaves com o reclame dos famosos cigarros «KART», apresentamos os nossos cumprimentos e gratos pela oferta.

## BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

**CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:**

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira  
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris  
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

**ANTÓNIO LUIS DE PINHO GONÇALVES** — Acompanhado de sua esposa, Sr.ª Professora D. Evirilda do Céu Borges Gomes de Pinho Gonçalves, e filha, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso estimado assinante e conterrâneo, Sr. Professor António Luís de Pinho Gonçalves, residente em S. Martinho do Bispo — Coimbra.

Os nossos cumprimentos.

TENENTE

*Fernando José Lopes*

Na sua residência à Rua General Luís do Rego n.º 175-1. D.to, em Viana do Castelo faleceu no passado dia 20, o nosso ilustre conterrâneo e estimado assinante, Sr. Tenente Fernando José Lopes, distinto oficial, que possuía várias condecorações de mérito militar, pelos bons serviços prestados.

O extinto, pessoa dotada de qualidades de carácter, que sempre o impuseram à geral consideração, comandou durante alguns anos nesta Vila, a Secção da Guarda Fiscal e a Legião Portuguesa, finou-se com a idade de 75 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

Era casado com a Senhora D. Maria da Graça Monteiro Lopes.

O seu corpo foi trasladado, para a freguesia de Paderne, terra da sua naturalidade, onde se realizou o funeral, com missa de corpo presente, tendo-se incorporado muitas pessoas de todas as categorias sociais e um piquete da Guarda Fiscal, que prestou as devidas honras, sendo a urna coberta com a Bandeira Nacional, e ficando o corpo do extinto inumado em jazigo de família.

Os serviços fúnebres, estiveram a cargo da Agência Funerária «José da Silva» de Viana do Castelo.

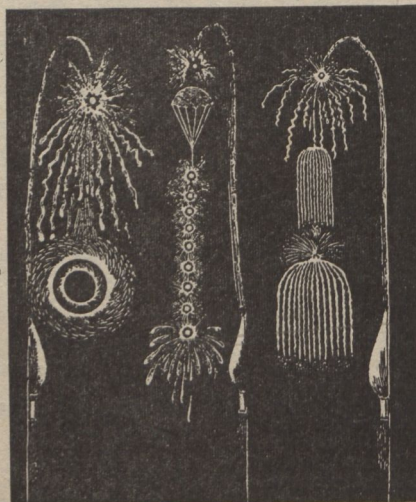
«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

A. L. P.

## Sociedade

Aniversários

Fazem anos: hoje, D. Beatriz Rbeiro Lima de Almeida, D. Maria Fernanda de Lourdes de Carvalho e Castro; no dia 3, D. Glória da Conceição Monteiro de Sousa Pinto, e dr. Walter Belger Alves Sam-Payo; no dia 4, D. Florentina de Carvalho, D. Maria Leonor Ribeiro Domingues, e o menino David Monteiro da Silva; no dia 5, D. Maria Domingues, e o rev.do padre Carlos António Salgado Vaz; no dia 6, o menino Manuel Luís Dantas Ribeiro; no dia 7, D. Maria Laura Madeira Marques Craveiro Solheiro de Oliveira e D. Mariana Fernandes; no dia 8, a menina Maria de Fátima Gonçalves; no dia 9, D. Leonor de Barros Durães Lima, prof. António Dâmaso Lopes; no dia 10, D. Maria Rosa Soares Calheiros Lobato, e a menina Maria Vitória Fernandes de Magalhães; no dia 11, D. Deolinda do Carmo Esteves Carabel e D. Maria Emília de Barros Durães; no dia 12, D. Maria dos Anjos Domingues Costa, a menina Evangelina do Livramento Gonçalves, e Joaquim José Guimarães da Costa; no dia 13, D. Maria do Carmo Esteves da Cunha e prof.ª D. Maria das Dores Rodrigues Domingues, Dr. Alvaro Ribeiro Marinho, Manuel Gonçalves da Cunha e Rodolfo Amadeu Fernandes; no dia 14, a menina Estela Pinto Ribeiro.



## Fábrica de FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE

*Manuel Correia Gomes da Costa*

Descendente da antiga firma de Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

**MONÇÃO**

Falar ao próprio ou ao Sr. António Reinales, em Melgaço

## Foto CALDAS

TELEFONE, 42220  
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.



## Correspondência de Chaviães

**Esclarecimento** — Parece terem-se melindrado alguns Chavianenses, com a minha abertura de correspondência publicada neste jornal em 15 de Agosto findo, na parte respeitante à saída do Presidente da Câmara, Sr. Professor Manuel José Rodrigues.

Esclareço que o não fiz com má fé nem com o intuito de desprestigiar qualquer pessoa. Fi-lo com a melhor das intenções, reforçando no entanto aquilo que disse e também senti, na qualidade de parente e amigo íntimo do Presidente cessante.

Não sou político nem partidário.

O meu desejo era de que houvesse união, entendimento e paz entre todos os Melgacenses, sobretudo naqueles que valem e de boa vontade por um Melgaço maior e mais progressivo.

Repito: Não sou político nem partidário e a prová-lo está em que não tomei parte activa, como herdeiro, nas nascentes da água da Levada da Candosa, não por cobardia, mas sim por desconhecer totalmente a proveniência de tais nascentes.

**Visitantes** — De visita aos seus familiares e amigos, encontra-se entre nós por alguns dias, o sr. Firmino José de Carvalho, que se faz acompanhar de sua esposa sr.ª D. Ma-

ria da Silva Domingues e de sua filha, Luísa Maria Teixeira Domingos de Carvalho.

**Casamento** — Realizou-se no dia 22 de Agosto, na Igreja paroquial desta freguesia, o casamento da menina Refina da Graça Domingues, daqui natural, com o sr. António Esteves do Souto, da vizinha freguesia de Paços.

Foram seus padrinhos o sr. Manuel Morais e a sr.ª Refina Lopes, o sr. Mário Augusto Rodrigues, comerciante, e sua esposa, sr.ª Alzira Rosa de Sousa.

No final do acto, todos os convidados se dirigiram para a acreditada «Casa Carlota», onde lhes foi servido um abundante e opíparo almoço.

Aos recém-casados que são dotados de boas qualidades morais, formulamos as maiores felicitações pela vida fora.

**Baptizado** — Ainda no dia 22 de Agosto e também na paroquial de Chaviães, recebeu o Santo Sacramento Baptismal a recém-nascida Maria France, filha da sr.ª Júlia de Jesus Pires e de seu marido José Maria Alves.

Foram padrinhos seus avós, sr. António Armando Alves e a sr.ª Esmeralda Alice Mendes.

Aos seus pais e mais família os nossos parabens e à recém-baptizada as nossas felicitações de boa sorte. — C.

## Por Santa Rita

(Continuação da 1.ª página)

a sua visita ao santuário. A Família Domingues, símbolo de tantas famílias contrerãneas que, lá longe, lembram e aca- rinham esta obra! A Família Domingues!

Também aqui esteve o sr. Armando Coelho, da vila, com a sua generosa oferta e o seu abraço, que muito estimamos. E tantos, tantos outros.

As ofertas também subiram a este santuário. E assim, do sr. Adelino Jorge, de Prado, a freguesia que nunca faltava com os seus clamores e agora segue na vanguarda dos que nos ajudam, 50\$00; da sr.ª Maria das Dores, de Paderne, 100\$00; do sr. Manuel Fernandes, de Pedrogão Grande, do lugar do Sobral, que aqui veio passar umas férias com suas filhinhas e Esposa, em casa da Mãe, 60\$00; de um anónimo, 25\$00; da sr.ª Rosa da Luz Fernandes, de Gondufe, 50\$00; do sr. Manuel Domingues, de Sucastelo, 100\$00; do bravíssimo João Esteves, dos Carvalhos, que nos arredores de Paris lá anda atarefado a trabalhar sempre com o pensa-

mento numa criança lindíssima, o Fernandinho, seu filho, aí! se lhe adoce... mais 50\$; do sr. Manuel Cubelo, de Galvão, por intermédio do sr. Padre Justino, da vila, 100 N. F.; do sr. António Domingues e esposa sr.ª Sara Soares, de Lobão, no dia do seu casamento em Santa Rita, 50\$00; de uma anónima de França, 100 N. F.; da sr.ª D. Isalmina Fernandes, da vila, 50\$00; da sr.ª Aurora Rodrigues de Sousa, da Cela, mais 20\$00; da sr.ª Maria Alice Pires, de Cabreiros, 10\$00; do sr. Armando Coelho, da vila, 100\$00; dum sr.ª de Rouças, que vive em Lisboa e sempre que vem a férias junto de sua Mãe, traz a sua generosa oferta, mais 100\$00; dum produto de venda de brinco de ouro, 600\$. E graças a Deus!

Também nesta igreja, foram celebradas missas no dia 17, por intenção do sr. Manuel Domingues, do Sucastelo; no dia 18, por intenção do sr. Manuel Emídio Lopes, da vila; no dia 20, por intenção de Guilherme José Afonso, do Val, Chaviães; no dia 22, por int. da sr.ª Maria de Fátima Carvalho, de Podame; no dia 25, por intenção da sr.ª Rosa Maria Esteves, de Portocarreiro.

Seremos então capazes de fazer deste Santuário, um grande centro eucarístico e de caridade, para com os nossos irmãos, os Pobres?

Ah! se todos quisessem, como tão depressa tantas coisas belas se podiam fazer.

A todos, muito obrigado o

Padre CARLOS

# Colóquio de Turismo e Termalismo do Norte

## CONCLUSÕES

(Continuação do número de 1-3-1373)

9 — Simplificar as formalidades de fronteira que constituem um factor de estrangulamento na expansão do turismo em Portugal;

10 — Organização de carreiras de barcos, tipo — «ferry-boats», entre La Guardia e Caminha;

11 — Abertura de postos de informação turística nas cidades de Bilbao, Orense e Vigo;

12 — Fomentar a organização de carreiras de navegação que visitem o Norte através dos portos de Leixões e Douro;

13 — Criação urgente de maior número de carreiras internacionais de aviação directas para o Aeroporto de Pedras Rubras.

### IV — Património natural e cultural

1 — Elaborar Cartas Turísticas para toda a região norte, a exemplo das realizadas para o distrito de Braga e em curso para os distritos do Porto e Viana do Castelo, com vista a possibilitar a definição de uma adequada política de defesa e aproveitamento do património natural e cultural;

2 — Promulgar os meios jurídico-administrativos indispensáveis a uma política de protecção e reorganização do património natural e cultural;

3 — Suprir a evidente carencia de pessoal especializado na informação dos valores constitutivos do património natural e cultural, bem como de publicações dirigidas à divulgação desses valores;

4 — Dinamizar a curto prazo os núcleos considerados de grande aptidão natural e cultural;

5 — Criar museus de carácter etnográfico, com relevância para os que se dediquem ao traço popular português e organizar imediatamente um calendário seleccionado de festas, feiras e romarias;

6 — Certo que o Bom Jesus do Monte, em Braga, é uma estância com indiscutíveis possibilidades para um turismo de repouso, pela sua situação e suas condições naturais, considerava-se essencial o estabelecimento urgente das infra-estruturas indispensáveis que proporcionem a transformação do local, sem lhe tirar as características específicas de devoção, mas imprimindo-lhe um espírito mais consentâneo com as actuais realidades turísticas.

### V — Promoção e mercados turísticos

1 — Incrementar a utilização de todos os meios de difusão de que dispõem as entidades oficiais e privadas, quer no país quer no estrangeiro, para a divulgação das possibilidades turísticas da região condcentes à insinificação e diversificação das correntes turísticas;

2 — Promover o alargamento da estação turística, através

da realização de manifestações folclóricas, culturais e recreativas, e das festas ligadas aos enormes recursos vinícolas da região;

3 — Chamar a atenção para a necessidade de promoção turística — ser só levada a cabo por profissionais devidamente qualificados.

### VI — Formação profissional e mentalização turística

1 — As acções de formação profissional no sector das profissões turísticas e hoteleiras devem ser resultantes de um estudo-prévio e completo do mercado da mão de obra de molde a responder às exigências quantitativas e qualitativas de cada sector;

2 — Atendendo à acentuada sazonalidade que caracteriza a indústria hoteleira desta região devem integrar-se e articular-se os contingentes da mão de obra disponível, no conjunto das necessidades de pessoal das outras regiões turísticas nacionais;

3 — Intensificação dos cursos de aperfeiçoamento e reciclagem dos profissionais em actividade, através da realização de maior número de cursos a cargo das brigadas itinerantes

do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira;

4 — Necessidade dos funcionários dos Órgãos Locais de Turismo serem, futuramente, recrutados entre pessoas habilitadas pelas Escolas de Turismo, de modo a assegurarem aos serviços a qualificação e eficiência que o Turismo hoje exige, sem prejuízo do aperfeiçoamento que está a ser dado (e deverá continuar em ritmo cada vez mais intenso) aos funcionários actualmente em serviço, através de cursos intensivos de sensibilização, de reciclagem, etc.;

5 — Desenvolver com a colaboração da imprensa, rádio e televisão, acções de informação e mentalização turística, de modo a criar nos diversos sectores populacionais uma mentalidade favorável a um perfeito e normal desenvolvimento turístico.

### VII — Organização das estruturas e quadros

1 — Continuar a reestruturação dos órgãos locais de turismo com vista à completa regionalização turística do território;

2 — Definir as regiões de turismo de acordo com um cri-

(Continua na pág. seguinte)

## Antigualhas Melgacenses

(Continuação da 1.ª página)

\* \* \*

Ex-libris da vila de Melgaço é a sua torre de menagem, testemunho vivo de um passado histórico. Quantas gerações a contemplaram? Quantos a virão a contemplar ainda? Ela desafia o rolar dos tempos.

Quando seria levantada?

Sobre isso vamos conversar. Vou dizer o que sei. Não é lição de mestre, é lição de aprendiz. Não falo da cadeira. Falo em chão raso, em espírito de diálogo.

O que seria Melgaço nos primórdios tempos da autonomia nacional?

Não o sabemos ao certo.

Uma parcela da circunscrição de Valadares, que foi divisão administrativa e judicial de relativa importância e veio e decair até se desmoronar a favor de Melgaço e Monção.

Nesse longínquo século XII Melgaço era terra esquecida, vítima talvez das convulsões anteriores provocadas pelas contingências dos vários povos que vieram à península ibérica.

Não perdeu a romanização. Não podemos avaliar ao certo da influência árabe ou dos estragos que por aqui fizeram os filhos do alcorão.

Dizer que aqui houve um castelo, o *Castelo do Minho*, não nego que possa demonstrar-se.

A verdadeira história de Melgaço podemos apenas conhecê-la a partir de D. Afonso Henriques, do seu foral e de alguns documentos do velho mosteiro de Fiães. Seriam úteis os documentários do mosteiro de Paderne, quer o de S. Paio quer o do Salvador, mas onde param eles?

Para antes nada consegui descortinar de importante. Que bom seria se alguém soubesse.

Dizem alguns autores que D. Afonso Henriques levantou em 1170 o castelo. Documentos a provar ainda os não vi nem sei que os haja.

Há um documento muito duvidoso perante a crítica. É o foral concedido a Castro Laboreiro por D. Afonso Henriques, onde se lê que aquela terra «parte com o antigo castelo de Melgaço que edificou o rei Ramiro para repelir os inimigos que infestavam Ribamimho e Portugal».

Mesmo que admitamos como verdadeira esta referência, nada nos prova que o castelo antigo que dava nome à terra fosse no mesmo local ou até próximo.

Não é verdade que há por aí muitos sítios chamados *castelo*?

P. M. A. BERNARDO PINTOR

### VENDE - SE

Na Breia, bom campo denominado LEIRA-LONGA, com 170 m. de comprimento, e com boas latadas em todo o comprimento e largura.

Informa: Felicidade Pinheiro — Rua Direita — PRADO.

# Os Melgacenses precisam de saber...

É conveniente dar conta da situação em que se encontram algumas obras municipais à data da minha substituição como Presidente da Câmara. Pelo que se segue já poderão concluir a que se destinavam os 1 670 contos de saldo mencionados nas contas da gerência da Câmara do ano de 1969.

## 1.º — Cantina Escolar anexa à Escola Primária da vila (sede)

O projecto desta obra está na Direcção Geral das Construções Escolares desde 30/4/69 e o seu orçamento ultrapassa 500 contos. Aguardava-se a comparticipação para lhe dar início.

## 2.º — Construção do arruamento de acesso ao hospital de Melgaço

Esta obra já está parcialmente comparticipada e o seu orçamento é de 800 contos. Aguarda-se a comparticipação das expropriações para lhe dar início. A percentagem da comparticipação é apenas de 29%.

## 3.º — Remodelação do Matadouro Municipal

O pedido de comparticipação já foi entregue juntamente com o projecto, através da Direcção de Urbanização, em 30-7-69. O orçamento é superior a 500 contos. Estava a aguardar-se a comparticipação para iniciar a obra.

## 4.º — Remodelação e ampliação dos antigos Paços do Concelho destinados a museu e biblioteca

Foi adjudicada por 345 contos. Já começaram os trabalhos. O Estado comparticipou apenas com 40%.

## 5.º — Construção de 166 lavadouros distribuídos pelas 18 freguesias

Foram superiormente aprovados os projectos e foi estabelecido que os Lavadouros se executassem por fases. Foram já comparticipados 6 para Gave, Alvaredo, Cubalhão, Parada, S. Paio e Fiães, 1 para cada freguesia.

## Colóquio de Turismo e Termalismo

(Continuação da 4.ª página)

tério de complementaridade turística das diversas zonas abrangidas de modo a compreender todos os territórios cuja afinidade de características revele a existência, de facto, de uma unidade turística;

3 — Promover a estreita colaboração dos órgãos que administram turisticamente tais regiões com as comissões consultivas regionais de planeamento de modo a obter-se a incompreensível articulação dos planos desses órgãos com os planos de desenvolvimento regional.

## 6.º — Construção de um lavadouro, fontanário e bebedouro no lugar de Chão da Cancela (Fiães)

Foi pedida a administração directa da obra. O Estado comparticipa-a com cerca de 40 contos. Já foi explorada e canalizada a água necessária.

Por se não ter chegado a acordo quanto à cedência amigável, foi deliberado em 6/7/70 proceder às expropriações da parcela de terreno onde deverá ser construído.

## 7.º — Arranjo do recanto nordeste da Praça da República (Local do Fontanário de S. João)

Foi enviado o projecto e o pedido de comparticipação ao sr. Ministro das Obras Públicas em 19/2/70. O orçamento é de cerca 50 contos.

## 8.º — Novo Mercado

Os 415 contos provenientes da venda dos terrenos do Velho mercado são destinados ao novo. O local está escolhido. Ia proceder-se à aquisição dos terrenos e à elaboração do projecto.

## 9.º — Aquisição de uma caminheta para os Serviços Municipais

É de muita necessidade a aquisição de uma viatura deste género para transporte de pessoal e material para diversos trabalhos, transportes de lixo, etc.

O seu custo anda à volta de 140 contos (depende da marca). Foi pedida a sua comparticipação em 26/6/70.

## 10.º — Obras de reparação e beneficiação dos Paços do Concelho

O orçamento ultrapassa 200 contos. Foi pedida a comparticipação do Estado em 9/6/70.

## 11.º — Material e mobiliário para a secretaria da secção de obras

Foram adquiridos, em Maio e Junho últimos, um fotocopiador, um duplicador e alguns móveis cujo custo anda à volta de 37 contos.

## 12.º — Abastecimento de água ao domicílio de Castro Laboreiro

O estudo económico foi enviado à Direcção de Urbanização em 10/2/70.

## 13.º — Saneamento e remodelação do abastecimento de água à vila

Esta obra está em curso. Foi adjudicada por importância superior a 2 500 contos. O Estado comparticipou-a com cerca de 50%. O empréstimo de 600 contos a que se recorreu não chega!

## 14.º — Pavimentação de diversos arruamentos na vila

Estas obras iam ser consideradas logo após as do saneamento e águas.

## 15.º — Instalação do ciclo preparatório no «Grande Hotel do Peso»

O orçamento das obras a efectuar depende da parte que seja utilizada.

A Direcção do Ciclo pediu à Câmara umas plantas para marcar a parte a ocupar e as obras a realizar. Depois disso seria feita a escritura de arrendamento.

Ventilei naquela Direcção, na presença do sr. Governador Civil, em 22/12/69 a possível instalação no edifício do Externato Liceal, mas fiquei convencido que aqueles Serviços não agradaria (se é que se não opunham) essa solução. O motivo não o sei. Mas talvez porque o sr. Inspector Jorge do Babo tivesse informado que no Hotel se poderia vir a instalar, se a frequência o justificasse e em continuação do Ciclo Preparatório, uma Escola Técnica pois já tinha sido essa a opinião que nos manifestara pessoalmente na visita que fez ao Hotel e a mais dois edifícios (a garagem do sr. Lima, na Vila, e a casa dos srs. Solheiros em Galvão) que, com pequenas obras de adaptação, serviria bem o fim em vista.

No caso do funcionamento só do Ciclo, achamos melhor a solução na instalação no Colégio; no caso de haver possibilidade de o ensino se poder prolongar numa Escola Técnica, então não hesitamos pelo seu funcionamento no Peso. Neste último caso (o único que serve ao Concelho se se procura o seu bem) é preciso proceder a obras e estas devem importar em cerca de 400 contos.

Ia tentar-se ainda a comparticipação do Estado para a sua realização. O ideal seria uma instalação própria, mas não se pode realizar por enquanto dado o seu elevado custo e a grande área que ocupará.

## 16.º — Caminho Municipal de Castro Laboreiro a Portos: abertura na extensão de 2900 m.

A obra foi adjudicada por 319 contos e o Estado comparticipa-a com 85%. Já foi iniciada.

## 17.º — Caminho Municipal de E. N. 301 (S. Gregório) a Campo do Souto — 1.ª fase.

Esta obra foi adjudicada por 380 contos e o Estado comparticipa-a com 85%. Não foi iniciada.

## 18.º — Construção do caminho Municipal de Fiães a Ervedal, Revestimento e Betuminoso na extensão de 3 400 m. Macadame e Revestimento Betuminoso na extensão de 1 260 m. e abertura restante até ao Ervedal

Esta obra foi adjudicada por 410 contos e o Estado comparticipa-a com 85%. Era para ser realizada em 1969 mas não se conseguiu adjudicá-la. Não foi ainda iniciada.

# ELECTRO LAR, L.ª DA

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS \* TELEVISORES \* FRIGORÍFICOS \* MÁQUINAS DE COSINHA \* MÁQUINAS DE LAVAR MÁQUINAS DE BARBEAR \* FERROS DE ENGOMAR ASPIRADORES \* GIRA-DISCOS \* VENTILADORES PANELAS DE PRESSÃO \* ETC.

AGENTES OFICIAIS:

PHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa

NATIONAL

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

## 19.º — Caminho Municipal da E. N. 202 (Prado) a Paderno. Reparação do Macadame e Revestimento Betuminoso.

Foi adjudicada esta obra por 400 contos e o Estado comparticipa-a com 75%. Não foi iniciada.

## 20.º — Estrada Municipal de Fiães — Reparação e Rectificação do Largo da Calçada a Cavaleiros.

A base de licitação é de 483 contos e o Estado comparticipa-a com 75%. No 1.º concurso não teve concorrentes. Foi novamente posta a concurso.

## 21.º — Estrada Municipal de Alvaredo

Esta obra está em curso e o seu custo sobe a 160 contos.

## 22.º — Projecto do caminho Municipal de Castro Laboreiro a Ribeiro de Baixo

Foi deliberado em 6/7/70 proceder à elaboração do projecto dada a grande necessidade desta estrada. O custo do projecto deve exceder os 100 contos.

## 23.º — Estrada de Parada para a Gave

É esta, presentemente, a via mais urgente do Concelho e aquela que deu mais trabalho e preocupações apesar de estar ainda sem iniciar.

Está incluída no Plano de Fomento em curso mas só é possível iniciá-la depois da Florestal servir Parada.

O seu orçamento anda à volta de 4 mil contos. É a via mais custosa dos 3 planos de fomento apesar da sua extensão ser apenas de pouco mais de 3 km.

O saldo referido de 1 670 contos estava destinado a estas obras e às aquisições que ficam mencionadas. São de necessidade como se vê. Claro que antes de se proceder a qualquer obra é de bom governo juntar primeiramente as economias necessárias para fazer face à sua realização. Foi o que fez sempre a Câmara da minha gerência. Andar atrasado com os pagamentos como acontece com muitos municípios não convém. Por isso a Câmara

## A. P. R., ALGURES, EM FRANÇA

Amigo, recebemos a tua carta de adesão ao Sr. Professor Rodrigues, dando-nos conta dos sentimentos dos nossos queridos conterrâneos. Mas a carta, infelizmente não vem assinada, não a podendo assim nós publicar. Mandai a carta assinada. Bravo! Está muitíssima gente com o Sr. Professor. Anda daí.

## COBRANÇA

Vamos proceder à cobrança de «A Voz de Melgaço», para o que estamos a rever a respectiva escrita de pagamentos. A todos pedimos a fineza de nos ajudarem a por em dia as nossas contas. Os que o desejarem, podem mandar o custo da assinatura para Padre Carlos Vaz, Rouças, Melgaço. Também atende nas feiras, da parte de tarde. A todos pedimos nos ajudem. O jornal é para todos.

## Presidente da Câmara Municipal do Entroncamento

Estiveram entre nós, há dias, o Senhor Eugénio Dias Poitou e sua Ex.ª Esposa, Dona Requelinda Vinagre Poitou, ex-Funcionário Superior da C. P., que se deslocaram a esta vila, para cumprimentar o seu particular amigo, Senhor Manuel Contente de Sousa e Ex.ª Esposa.

Suas Ex.ªs foram, deslumbrados com as belezas naturais desta nossa terra.

«A Voz de Melgaço» cumprimenta os ilustres visitantes, desejando que voltem mais vezes.

conseguiu sempre empreiteiros para as suas obras, porque nunca a Câmara lhes faltou com o devido a seu tempo.

Para quem está dentro dos problemas sabe bem como isto é e o saldo não chega para fazer face a todas as obras em curso mais ou menos imediato.

Voltaremos ao assunto para dar conta de mais obras que foram solicitadas.

Manuel José Rodrigues

N. R. — São factos os que apresentamos e esses falam mais que as palavras ocas. Ao leitor compete saber discernir justamente.

# Factos e Comentários

## O fontenário do Telheiro

1.º — Existiu um fontenário no Telheiro abastecido por água do sr. Professor Vaz, irmão do sr. dr. Abel.

2.º — No ano transacto, sobretudo no Verão, os utentes tinham que ir à água a outro local, porque ela sem se ter evaporado chegou a faltar durante 3 semanas!

3.º — Há meses, porque se privou de água um fontenário da Cela, um dos utentes desse pagou a dívida imediatamente privando de água o fontenário que abastece o Telheiro e do qual se serve o sr. Prof. Vaz.

4.º — Quatro dos cinco utentes da água do fontenário do Telheiro aproveitaram tal facto para solucionar o caso de vez. O sr. José Esteves ofereceu 2/3 da sua água para o fontenário e para o lavadouro público, reservando 1/3 para si. Lavrou-se escritura na Câmara e nela consta que ele cede a água desde que o fontenário seja mudado para um muro da sua propriedade a fim de evitar abusos, já que o actual fontenário está em propriedade sua. A Câmara aceitou, desde que a mudança fosse feita pelos interessados e a suas expensas, com o que os interessados concordaram até porque o fontenário fica mais cêntrico e o sr. José Esteves é de toda a confiança. Ele, aliás, está agora a fornecer a água a 2 dos utentes já que ele e outro a possuem em casa.

5.º — Há pouco tempo o sr. Secretário da Câmara encarregou o sr. José Esteves de efectuar a mudança do fontenário quanto antes. Isso começou a fazer, logo aparecendo o sr. prof. Vaz a dizer — não sabemos com que autoridade — que a obra estava embargada por ordem da Câmara! Depois de várias provocações o sr. José Esteves resolveu suspender a obra e mandou consultar o actual Presidente da Câmara que, já no lugar da Igreja, nada resolveu. Porquê? Será que esta demora e o não solucionar um problema de fácil resolução e a contento da maioria é para permitir ao sr. prof. Vaz a apropriação dos terrenos a título de fornecer água para um fontenário que já a tem e a contento da maioria?

Trata-se de servir o povo e o bem comum, ou de fazer os caprichos de qualquer particular?

De notar, todavia, que ninguém recusou a passagem ao sr. José Esteves. Para bom entendedor...!

Se o Sr. Prof. foi tão generoso cedendo a água à Câmara não haverá dificuldade em a aproveitar porque os do lugar da Igreja têm muita necessidade dela.

Também seria desejável que servisse para abastecimento domiciliário na Igreja e no Telheiro.

Para esta finalidade não haverá, possivelmente, recusas na cedência do terreno.

É assim que se serve o povo!

CARLOS NUNO

## O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

controu com um cego, que lhe pedia uma esmola, Magno fez o sinal da cruz sobre ele e o pobre recuperou a vista, no mesmo instante. Em transportes de alegria, o beneficiado em altos brados manifestou-lhe a gratidão, chamando-lhe «Magnus» nome que lhe ficou em substituição de Magnoaldo. O homem associou-se à pequena caravana, oferecendo a Magno os seus préstimos.

Em determinada região, chamada Campoduntum, havia muitas feras, que eram o terror das povoações das circunvizinhanças. Um seu companheiro insistiu em seguir caminho; Magno, porém, decidiu ficar. Com a doutrina da cruz que prégava àquela gente, dava-lhe também o poder sobre os animais bravios, que em seguida não mais a incomodavam.

Parte dos seus companheiros foram desistindo, ficando só um, de nome Tosso, seguindo viagem até Aquisgrana, onde se dirigiram ao Bispo daquela diocese, para receberem a bênção e licença para pregar e fundar um convento naquela diocese. Obtida a licença, prosseguiram viagem à margem esquerda do Lech.

Chegando a Rosshaupten, viram-se de frente de um monstro, que matava muita gente. Magno, atirou-lhe às fauces um bolo ardente de piche e resina, matando-o instantaneamente. Quem não reconhece neste monstro o demónio que prendia as almas na escravidão? O facho que ardia por si, o bolo ardente, não são símbolos da luz do Evangelho, que afugentava os espíritos maus que espancava as trevas do paganismo e do pecado?

Numa aprazível planície a que chegaram, Magno erigiu um cruzeiro e nele pendurou uma cápsula com santas relíquias, consagrando assim o lugar à oração. Mais tarde construiu, no mesmo sítio, uma pequena capela em honra de Nossa Senhora, em que o companheiro Tosso realizava as funções religiosas.

Depois de vinte e cinco anos de intenso trabalho missionário, Magno adoeceu gravemente: contava então, setenta e três anos de idade.

Todos se acercaram do leito para, pela derradeira vez, receberem a bênção e os conselhos do Santo enfermo.

Como no tempo de S. Magno, a Igreja Católica ainda hoje envia missionários às terras longínquas para pregar o Evangelho a todos os povos e trazê-los ao aprisco do Senhor.

A messe é abundante, poucos porém são os operários! Devemos rogar ao Senhor da messe, que envie muitos e santos operários para a Sua messe!

Irmã Maria dos Anjos

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

dia II o sr. Custódio Rodrigues, casado, pai de 4 filhos todos casados. O extinto deixa viúva a sr.ª Cecília Maria Alves e era avô de 16 netos.

No lugar do Pereiro, limites desta freguesia, faleceu no dia 20 de Agosto, Maria Soares, com 73 anos de idade, mãe muito querida do nosso amigo e assinante, sr. Luis Fernandes Alves, do lugar do Pomar.

Para as famílias em luto, os nossos pesameses. — C.

# Postal dos Açores

Esta mui nobre e leal cidade de Angra do Heroísmo, voltou a vestir as suas melhores galas para celebrar as suas festas maiores, em honra de São João, que não são mais do que uma tradição famosa que nesta época faz convergir para esta ilha forasteiros de todo o arquipélago e ainda muitos açoreanos radicados no estrangeiro, para não falar mesmo nos estrangeiros que aqui estão chegando constantemente, ansiosos por contemplar a euforia que por aqui se faz sentir nesta época alegre que proporcione um ambiente acolhedor.

A pousada da Serreta, recentemente inaugurada, bem como o novo e luxuoso hotel de Angra, constituem motivo de atração aos turistas de bolsa recheada que podem encantar, resignadamente, as grandes contas que lhes são apresentadas para paga do conforto e luxo por eles exigidos.

Uma vez que, a par da hospitalidade do bom povo terceilense, existe agora hospitalidade e conforto para os turistas, todos aqueles que desejam conhecer as belezas desta Ilha Terceira, para não falar nas outras, devem aproveitar e visitar a famosa Angra, na ocasião de festa, uma vez que esteve patente ao público um extenso programa que anunciava diversões durante dez dias, ou seja, do dia 20 a 29 de Junho.

Neste meu segundo postal quero apenas falar desta cidade de Angra do Heroísmo, onde me encontro a prestar serviço. Uma vez que falo de Angra, falo também da Ilha Terceira, enriquecida a títulos nobres como vem demonstrando o cartaz turístico das festas da cidade, que em primeiro plano diz assim:

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

— Angra de sempre, foi conquistando um lugar e forjando o seu carácter senhorial.

— Vila em quatrocentos no primeiro século do povoamento ou pouco depois, já em 1492 recebia navegantes, que agasalhava, e dispunha de hospital que recebia os doentes das longas viagens.

— A breve trecho seria a «universal escala do mar, ponte de todo o mundo celebrada».

— Os Gamás aqui aportaram e Paulo aqui ficou. — Castelos se ergueram e conventos se construíram. — Casas solarengas enobreceram-na dentro de traça urbana bem ordenada, de tão primorosa lançada.

— Angra bateu-se pela mãe-pátria. E foi capital do Reino em fins de seiscentos, como depois voltaria a sê-lo há cento e tal anos.

— Coração dos Açores, Angra tem sido mais para mandar do que para ser mandada. E em todas as organizações administrativas do arquipélago marcou lugar primeiro. Na reforma pomalinal: sede da Capitania-Geral. Hoje: novamente capital, é, como coração, sede da Comissão Consultiva Regional de Planeamento.

— Dêem-lhe asas e voará mais longe. Irá conquistando o futuro.

— Nestes dias está em festival. E desde há dois anos — desde as últimas Festas da Cidade — Angra teve novas escolas e um liceu novo, implantou nova praça pública e concluiu outra, fez mais um mercado, a juntar ao que há pouco inaugurará; pôs a funcionar mais cinco instalações fabris vultosas, está a erguer uma quinta fábrica moderna, ficou a dispor de telefones automáticos, foi ao monte abrir com chave de ouro uma estalagem já considerada lá fora (América) inigualável na Europa, amplia o seu hospital, remodela vários estabelecimentos comerciais. Repôs em nobreza litúrgica algumas igrejas; modernizou uma casa de espectáculos e renovou outra, está a repensar no turismo que vai chegando, viu abrir um banco, iluminou-se melhor e encomendou largas fontes de energia eléctrica, deu casa funcional aos seus «soldados da paz». Participa no esforço da defesa da Pátria.

Recebeu Ministros e o Chefe do Governo e também teve a visitá-la gente de muitas procedências.

Caminha para o futuro e batalha pelo que precisa, tentando persistentemente viver nos vários campos de acção. No cultural também (museu em velho convento), livros e revistas publicados.

— Entre o passado, fixado na Sé — cuja nova edificação faz quatro séculos este ano — e o futuro que se antevê, coloca-se, «novinho em folha», o Hotel de Angra, aberto em Junho.

— Cidade de ontem e de hoje, por ela voltam a passar gentes de vários pontos do mundo. Caminho ao futuro talvez a Angra em «Festas 1970» possa já pensar que Angra nas «Festas de 1972» terá Televisão. E como temos visto, a ver vamos também...»

E após esta gloriosa narrativa, a propósito das grandes festividades que aqui decorrem, escusado será acrescentar mais pormenores sobre este assunto.

Henrique Manuel Alves

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

— Angra de sempre, foi conquistando um lugar e forjando o seu carácter senhorial.

— Vila em quatrocentos no primeiro século do povoamento ou pouco depois, já em 1492 recebia navegantes, que agasalhava, e dispunha de hospital que recebia os doentes das longas viagens.

— A breve trecho seria a «universal escala do mar, ponte de todo o mundo celebrada».

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

«Cidade primeira dos Açores desde 1534, Angra, a leal e sempre constante — é terra de história — é o centro da paisagem verde de um vale formoso — é urbe perfeita de urbanismo — é a sua população alegre, cortês, hospitaleira, captivante.

# De Prado De Penso

**Protecção à Agricultura**  
— Foi em 12 de Agosto que se reuniram em casa de Américo Enes, diversos agricultores aos quais lhes foi esclarecido por uma comissão chefiada por Sua Ex.ª Senhor Engenheiro da Junta de Colonização Interna, que propositamente aqui se deslocaram, explicando tudo acerca das vantagens que o governo concede as associações de «Agricultura de Grupo» com base no importante Decreto-Lei n.º 49184 de 11 de Agosto de 1969.

**De férias** — Vindos de Lisboa, encontram-se na casa da Corredoura, D. Maria da Paz Calheiros Gonçalves e filhos.

— Nos Leiros — D. Delfina Gomes de Sousa Gonçalves, tia e filha.

— No Boraco — António Dias Soares, de visita a este correspondente, Manuel Esteves, esposa e filhas.

— Do Porto — Sr. Professor Peixoto de Almeida e esposa, que se encontra na Quinta da Serra.

— Das nossas Províncias Ultramarinas, Mocimbiq, encontra-se nos Ferreiros, Adelaide Gomes de Sousa, marido e filhos.

— De Paio Pires — Dionísio dos Santos e esposa. — M. S.

**Festa a S. Tomé** — Realizou-se no dia 23 de Agosto a festa em honra de S. Tomé. Após a missa na igreja paroquial, saímos em procissão até à capela do milagroso Santo. Eram 8,45 quando se iniciou a marcha e todos a cantar o terço. Chegamos ao alto às 10,50. Foi uma subida feita por muitos fiéis, pois há muito tempo que não víamos tanto povo a incorporar-se na procissão.

Após a chegada, tivemos um pequeno descanso para os apetitivos. Pouco depois dava-se início à missa e aos restantes deveres religiosos, findos os quais, todos acampamos para saborearmos os nossos farneis.

Às 2,30 deu-se início à arrematação das ofertas e, findas as ditas, o alti-falante deliciosos com boa música. Ao fim da tarde, todos regressamos, com a satisfação de um dia bem passado.

**Visitas** — Estão nesta freguesia muitos contrerráneos, que com suas famílias, vem passar as suas férias. Por serem muitos, torna-se difícil a todos nomear nesta notícia. A todos desejamos que aproveitem bem a sua estadia, e que, ao regressar aos seus afazeres, o façam com o pensamento de em breve voltarem.

**Falecimentos** — No lugar do Pomar e com a bonita idade de 89 anos, faleceu no passado

## Em poucas linhas

(Continuação da 1.ª página)

testamos contra o mau exemplo que deu, e dá ainda, principalmente, ao povo de Melgaço.

Que diria Aristóteles se fosse vivo?

E que dirá o Sr. Governador Civil, único responsável pela indicação do Sr. Dr.?

A. Rodrigues

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

**MELGACENSE!**  
SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA  
no acreditado Restaurante "Snak-Bar,"  
Travessa da Queimada, Bairro Alto — LISBOA  
**Tampico**  
Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª